

Revolução no combate AO CÂNCER DE PULMÃO

Dois medicamentos apontados como superinovadores prometem maior sobrevida para os pacientes: um é utilizado contra o tumor avançado que atinge células não pequenas e o outro as células pequenas. Ambos estão em fase de testes

» ISABELLA ALMEIDA

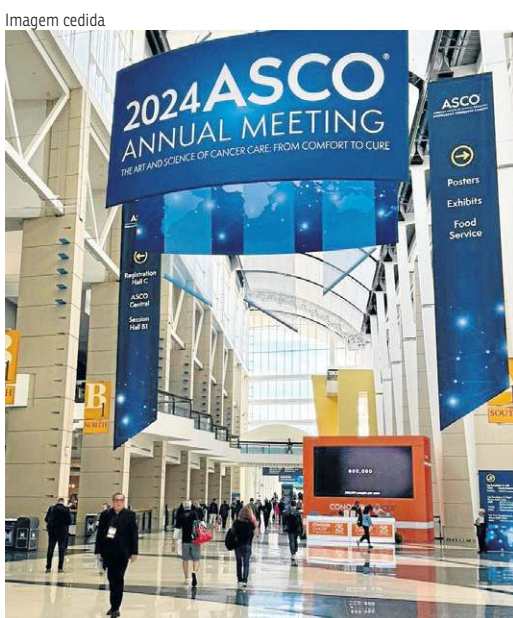
Pesquisas apresentadas na reunião anual da Sociedade Americana de Oncologia Clínica (ASCO), em Chicago, nos Estados Unidos, revelam a eficácia de novos medicamentos contra tumores de pulmão. O ensaio LAURA, primeiro de fase 3 a avaliar um agente direcionado após quimiorradioterapia (CRT) no câncer pulmonar de células não pequenas avançado, descobriu que o medicamento osimertinibe aumentou em quase sete vezes a sobrevida livre de progressão dos pacientes. O trabalho ADRIATIC, primeira novidade do gênero em duas décadas para o câncer de pulmão de pequenas células, mostrou que o imunoterápico durvalumabe reduziu o risco de morte em 27% comparado ao placebo.

O trabalho envolveu 216 pessoas de 17 países, divididas para receber a droga oral ou o placebo. O estudo apontou que a mediana de sobrevida livre de progressão da doença em pessoas que usaram osimertinibe foi de cerca de 39 meses, em comparação a seis meses em quem usou placebo, uma taxa quase sete vezes maior. Depois de 12 meses, 74% daqueles submetidos ao medicamento não apresentavam progressão da doença, ante 22% dos outros voluntários.

A incidência global de novas lesões foi de 22% com osimertinib contra 68% no outro grupo. Novos danos cerebrais foram observados em 8% dos pacientes que receberam o medicamento e em 29% dos que foram submetidos ao placebo.

William Nassib William Junior, líder nacional da especialidade tumores torácicos da Oncoclínicas, que participou da sessão sobre o tema, afirma que o benefício foi consistente em todos os subgrupos, o que redefine o paradigma de tratamento para esse tipo de doença. "Os resultados do LAURA redefinem o paradigma de tratamento, demonstrando que o osimertinib supera significativamente a imunoterapia para pacientes com mutação EGFR — avaliada no ensaio."

Ao melhorar de forma significativa a sobrevida livre da progressão de



Sociedade Americana de Oncologia dos EUA reunida em Chicago (EUA)

doença de pacientes com de câncer de pulmão de não pequenas células localmente avançado, o medicamento osimertinibe foi estabelecido como novo padrão de cuidados para esse tipo de tumor.

Mauro Zukin, oncologista da Oncologia D'Or, e participante do congresso, frisa a importância dessa terapia no cenário atual. "Ela muda o trajeto da doença, a evolução. Esse deve ser o novo padrão de tratamento. Por isso que essa publicação é muito importante, muda a medicina, é um avanço no tratamento do câncer de pulmão."

Opções

O câncer de pulmão de pequenas células representa cerca de 15% dos casos de carcinoma que afetam órgão. Apesar de incomum, é muito agressivo. O estudo multicêntrico ADRIATIC analisou a eficácia do medicamento imunoterápico durvalumabe no tratamento em fase inicial desses pacientes, um cenário que não é renovado há quase 20 anos.

O ensaio de fase 3 avaliou a terapia com durvalumabe, na forma de solução injetável para infusão intravenosa, em comparação ao placebo no tratamento de 730 pacientes com câncer de pulmão de pequenas

Image by DC Studio on Freepik



células em fase inicial. A droga reduziu o risco de morte em 27% em relação ao placebo.

A média de sobrevida estimada dos que tomaram a terapia foi de 55,9 meses e de 33,4 meses para os que receberam placebo, um ganho de mais de três anos. É estimado que 57% dos pacientes tratados com o medicamento estavam vivos aos três anos, em comparação com 48% que receberam placebo.

"O trabalho mostra o benefício significativo e esse deve ser o novo padrão de tratamento em câncer de pulmão de pequenas células, uma doença limitada. A imunoterapia está cada vez mais fazendo parte do cenário dessa patologia", frisou, entusiasmado Mauro Zukin. Segundo o oncologista da D'Or, cerca de 17 mil acompanham a apresentação.

Pesquisa brasileira para tumor genituniário

Liderado pelo oncologista brasileiro Fernando Maluf e realizada pelo Latin American Cooperative Oncology Group (LACOG), o estudo clínico HERCULES-LACOG0218 acompanhou 33 pacientes para avaliar se o uso de imunoterapia associada à quimioterapia tradicional é eficaz e seguro como terapia de primeira linha no tratamento do câncer de pênis avançado. Os resultados mostraram que 75% dos participantes tiveram algum grau de redução do volume tumoral, e que 39,4% deles apresentaram uma diminuição significativa. Os resultados revelam o benefício do novo esquema de tratamento avaliado.

Ao longo do percurso, os pacientes foram acompanhados, com exames de imagem a cada

seis semanas. Eles receberam imunoterapia e quimioterapia em seis aplicações, seguido de imunoterapia até completar 34 aplicações.

"Os resultados não são apenas uma vitória para a ciência brasileira, mas também uma prova de que a pesquisa clínica pode e deve olhar para as populações mais vulneráveis", frisou Maluf, em nota. "O sucesso deste estudo demonstra que investir em inovação para todos gera resultados significativos, beneficiando não apenas os pacientes envolvidos diretamente, mas também a comunidade global, já que vamos mudar o tratamento desta doença em todo mundo", afirmou o líder do estudo.

Além disso, dois marcadores foram identificados por meio de exames nas

amostras tumorais que são potenciais preditores de melhor resposta ao tratamento, são o P16 e o TMB. Pacientes com P16 positivo e TMB alto tiveram taxa de respostas para redução do volume tumoral, de 55,6% e 75%, respectivamente.

"É crucial entender que os ensaios clínicos são os alicerces do desenvolvimento de futuros medicamentos e terapias. Para o HERCULES - LACOG 0218, abrimos centros de pesquisa em hospitais do norte ao sul do Brasil. Hoje, o LACOG tem ampla capacidade de capilaridade no Brasil e na América Latina, realizando estudos com diferentes complexidades", explicou, em comunicado, Gustavo Werutsky, diretor-executivo do LACOG.

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Fim do El Niño

O fenômeno El Niño, que aquece as águas do Oceano Pacífico desde o ano passado e contribuiu para o aumento das temperaturas globais e condições meteorológicas extremas em todo o mundo, mostra sinais de encerramento. É o que indica uma nova publicação da Organização Meteorológica Mundial (OMM). A instituição prevê que há 70% de chances do retorno da La Niña, que resfria o oceano, ainda em 2024.

As projeções dos Centros de Produção Global de Previsões de Longo Prazo da OMM apontam para a probabilidade de condições para a ocorrência de La Niña durante o período de junho a agosto de 2024. A chance aumenta para 60% até setembro, com possibilidade de elevação para 70%, nos dois meses seguintes.

O fenômeno promove o resfriamento em larga escala da superfície do Oceano Pacífico

equatorial central e oriental, com alterações na circulação atmosférica tropical, incluindo ventos, pressão e precipitação. Os efeitos variam dependendo de sua intensidade, duração, época do ano e interação com outros padrões climáticos. Em muitas regiões, sobretudo nos trópicos, La Niña produz impactos opostos aos do El Niño.

"Todos os meses, desde junho de 2023, estabeleceram um novo recorde de temperatura. O ano passado foi o mais quente já registrado. O fim do El Niño não significa uma pausa nas mudanças climáticas de longo prazo, pois nosso planeta continuará a aquecer devido aos gases de efeito estufa que retêm o calor. As temperaturas excepcionalmente altas da superfície do mar continuarão a desempenhar um papel importante nos próximos meses", alertou o secretário-geral adjunto da OMM, Ko Barrett.

Francisco Eliseu Aquino, chefe do Centro Polar e Climático

AFP



Variação de temperatura no Oceano Pacífico sob influência dos fenômenos

da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), reforça que o El Niño já deu os sinais claros de suavização e enfraquecimento ao longo de maio e apresenta características da fase de transição para neutralidade. "Provavelmente a partir do final da Primavera deve iniciar a configuração de uma La Niña. Com isso, podemos ter condições

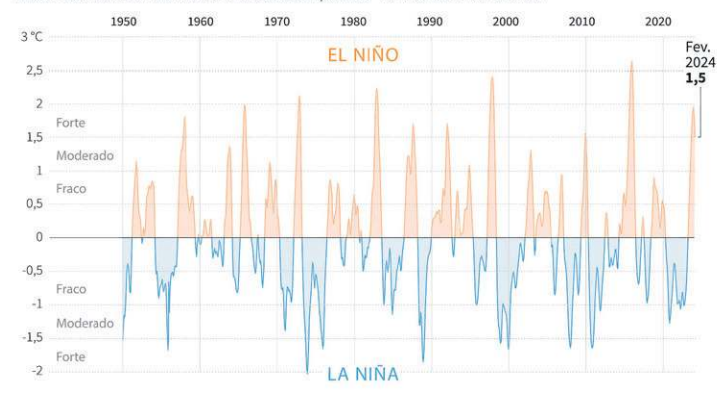
opostas. No Brasil chuvas acima da média no Norte e menos precipitação no Sul."

Os últimos nove anos foram os mais quentes já registrados, mesmo com a influência do resfriamento de um La Niña que durou de 2020 até o início de 2023. O El Niño atingiu o pico em dezembro de 2023 e foi um dos cinco mais fortes já registrados. (IA)

El Niño

O Índice Oceânico do El Niño mede o fenômeno climático do El Niño - Oscilação do Sul (ENSO)

Média móvel de três meses das anomalias da temperatura* no Pacífico centro-oriental



*Em relação à média de 30 anos, atualizada a cada 5 anos; para 1956-1950, o período de referência é 1941-1970; para 2023 e 2024 é 1991-2020. Fonte: NOAA

Aquecimento do Pacífico intensificou ondas de calor, inclusive no Brasil



Mesmo com o possível desenvolvimento do La Niña a partir deste ano, ainda esperamos que 2024 esteja entre os cinco anos mais quentes já medidos",

Michelle L'Heureux, especialista da agência meteorológica americana NOAA, à AFP